

revista do museu da oralidade



#1  
maio  
2011

# ORA!

viraminas

## Os donos da rua

Conheça um pouco da história de pessoas que dão nome a ruas, praças e avenidas de Três Corações



E-MAIS:

Entenda o que é o Museu da Oralidade e saiba como participar das atividades do Ponto de Cultura



LITERATURA E TRADIÇÃO ORAL + FLORA + ISAAC BOCZAR + CHICO CICA



# a cultura em debate

Todas as quintas-feiras, o Museu da Oralidade convida a comunidade para uma roda de conversa. Em pauta, temas que envolvem a cultura e a cidade. Confira a programação e participe!

M A I O

**26** A rede de Pontos de Cultura:  
o que é o programa Cultura Viva

J U N H O

**3** Leis de Incentivo à Cultura:  
como funciona o apoio estatal

**10** Patrimônio cultural tricordiano:  
Promoção e preservação

**17** Organizações do terceiro setor:  
como crescer de forma associada

Local: Rua Padre José Bueno, 170 (em frente à Escola Luiza Gomes)  
Horário: 19h30. Para programação dos meses seguintes, acesse:  
[www.museudaoralidade.org.br](http://www.museudaoralidade.org.br).

# É hora de por o bloco na rua

*Finalmente, depois de muita articulação, organização e preparação para ver a Viraminas engrenar, lançamos nossa primeira publicação: Ora!, a revista do Museu da Oralidade. É o início de uma nova fase da entidade, quando o contato com a comunidade será maior — assim esperamos. A associação agora abre as portas ao público com a certeza de que está pronta para receber e promover ideias e ações. O chute inicial foi dado, a bola já está rolando.*

*O longo, incerto e angustiante período de espera pelo qual nossa associação passou nos últimos três anos desemboca numa nova era. Aquilo que a gente debatia, propunha e sonhava no início — registrar memórias, produzir documentários, mobilizar pessoas — está se tornando realidade. Ora! vem para colaborar com a superação deste grande desafio. E vem, também, para fortalecer aquilo que temos de mais valioso: a cultura, que é mais valiosa ainda quando considerada em sua dimensão popular.*

*Num mundo absolutamente midiaticizado e poluído pela indústria de massas, muita coisa precisa ser feita para que a cultura popular brasileira tenha o destaque que merece. E a gente não está sozinho nessa batalha: são mais de 2 mil pontos de cultura reconhecidos pelo governo federal, que se articulam e desenvolvem trabalhos em rede. Há outras dezenas de milhares que, mesmo não apoiados pelo Estado, fazem valer o direito à cultura. Fazer parte deste turbilhão, que movimenta os quatro cantos do País, nos motiva ainda mais para o trabalho que tem de ser feito.*

*Mas o trabalho não é só nosso. Todo artista precisa do público. O Ponto de Cultura não existe se a comunidade não se sentir parte dele. Nesta edição, você conhecerá maneiras de participar desta jornada. Será um prazer recebê-lo!*

A equipe

**ORA! 3**

# Rua Edson Arantes do Nascimento

## ÍNDICE

### CAPA

Quem são as pessoas que dão nome às ruas de Três Corações ..... 7

### PERFIL

Isaac Boczar, um dos vários imigrantes que adotaram o Sul de Minas ..... 13

### GUIA CULTURAL

Serviços e opções culturais na região .16

### NOSSA MEMÓRIA

O que é e como funciona o Museu da Oralidade ..... 17

### UM LUGAR

Moradores da Flora testemunham mudanças à beira do rio Verde ..... 20

### PROSA MATUTA

O caipira Chico Cica fecha a revista contando causos ..... 23

---

**Ora!** é uma publicação do Ponto de Cultura Museu da Oralidade. **Realização** Viraminas Associação Cultural. **Presidente** Bianca Bertamini Gomes. **Tesoureiro** Paulo Sixto Coutinho Falcão. **Secretário** Randolfo Cavalcante Albuquerque Reis. **Jornalista responsável** Paulo Morais (MTb 07996MG). **Projeto gráfico e editorial** Kutuco Editora e Produtora Cultural. **Apuração e redação** Paulo Morais, Andressa Gonçalves e Danielle Terra. **Fotos:** Paulo Morais, Andressa Gonçalves e Sansão Bogarim.

Toda a revista é elaborada em software livre. A distribuição da **Ora!** é gratuita. **Onde encontrar:** Museu da Oralidade (Rua Padre José Bueno, 170), Casa da Cultura Godofredo Rangel, biblioteca da Universidade Vale do Rio Verde (Unincor).



Cultura



Ministério da Cultura



O conteúdo desta publicação pode ser reproduzido livremente para fins não-comerciais, desde que seja citada a fonte.

## **ORA! INDICA**

VÍDEOS, LIVROS, TEXTOS E SITES  
QUE VOCÊ VAI GOSTAR DE  
CONHECER

### **CANTANDO E REINANDO COM OS ARTUROS (EDITORA RONA)**

A obra, organizada pela pesquisadora Glaura Lucas, da UFMG, conta as origens da comunidade dos Arturos, de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte. Surgida a partir do casamento entre Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, ambos nascidos no período final de vigência da escravidão no País, a comunidade formou-se com forte inspiração na tradição oral dos negros brasileiros. Uma das marcas identitárias do grupo é a fé em Nossa Senhora do Rosário, para quem a comunidade promove, todos os anos, a festa de Reinado. O livro é acompanhado de um CD, que traz relatos orais e alguns cantos entoados nas festividades.




### **O CORAÇÃO DO LUGAR - DEPOIMENTOS PARA GUIMARÃES ROSA, DE LILIANE DARDOT E MÁRCIA ALMADA (MUSEU CASA GUIMARÃES ROSA)**

Gênio da literatura brasileira, Guimarães Rosa tornou-se referência pelo retrato poético que fez, em sua obra, da vida no interior de Minas Gerais. Em busca de "personagens reais" para as obras do escritor e de traços da profunda identificação entre a literatura roseana e as tradições mineiras, as pesquisadoras Liliane Dardot e Márcia Almada registraram e publicaram vários depoimentos de moradores de Cordisburgo, onde Rosa nasceu. Com uma excelente coleção de fotografias de Márcia Almada, Juninho Mota e Ronaldo Alves de Oliveira, a obra destaca aspectos religiosos, figuras típicas do interior, a culinária mineira, os modos de falar e vestir do interior e ofícios tradicionais.

## **AMKOULLEL, O MENINO FULA, DE AMADOU HAMPÂTÉ BÂ (PALAS ATHENA)**

Mais que um registro autobiográfico dos tempos de infância do escritor malinês Amadou Hampâté Bâ, *O Menino Fula* é uma aula completa sobre a tradição oral africana. Apesar da forte ligação entre o Brasil e os povos africanos, a rica diversidade cultural daquele continente é pouco ou nada conhecida no Brasil. Temos o costume de nos referir à África como sendo um único lugar, de um só povo. Mas a obra de Hampate Ba revela a quantidade de etnias que conviviam na região do atual Mali à época da chegada dos colonizadores franceses: bozos, bambaras, hauçás, fulas, songai, mandê, moura, dentre outros. Toda essa pluralidade ganhou ainda mais contornos com a influência islâmica e europeia. A trajetória da família do escritor, a começar pelos avós, é narrada com uma riqueza de detalhes que revela uma enormidade de hábitos, costumes e crenças dos vários grupos étnicos locais e valoriza a oralidade como registro histórico.

## **MUSEU DA PESSOA (WWW.MUSEUDAPESSOA.NET)**

Fundado no começo da década de 1990 em São Paulo, o Museu da Pessoa dá a qualquer cidadão o direito de deixar sua mensagem para a posteridade. O projeto começou com um grupo de pesquisadores que se aproveitava da democratização das tecnologias para ampliar a participação individual na construção da memória coletiva. Com a chegada da Internet, a iniciativa tornou-se ainda mais ampla, com a difusão de memórias pela rede. No endereço do projeto, os visitantes podem navegar por histórias de vida registradas durante toda a trajetória da instituição. Além do Brasil, o Museu da Pessoa já conta com unidades no Canadá, Estados Unidos e Portugal e influencia diversos outros projetos pelo País afora, entre eles o Museu da Oralidade. 

Todas as obras indicadas nesta coluna são encontradas na biblioteca do Museu da Oralidade.

**6 ORA!**



Esquina da atual Rua Aída Rosa. À esquerda, o antigo Externato Santa Cândida

# A memória da cidade nas placas das esquinas

"Você vira à esquerda no final da rua da ESA, sobe a rua do Bueno Brandão, depois vira na rua do Estadual, pega a rua da Matriz, desce a rua do Hospital e segue até a rua da Faculdade". Todo tricordiano já deve ter presenciado diálogos como este. Talvez por comodidade ou mesmo por costume herdado de gerações antigas, não existe em Três Corações o hábito de se referir às ruas pelos nomes a elas concedidos. No entanto, por trás das denominações popularmente estabelecidas, há uma variedade de personalidades da elite política, econômica e cultural do município, que foram homenageados emprestando nome e sobrenome aos logradouros da cidade. Completam a lista alguns párocos locais, políticos de expressão nacional e pessoas comuns, como um certo Edson Arantes do Nascimento.

No centro da cidade, boa parte das ruas

faz homenagem a ex-políticos e fazendeiros, categorias que, na prática, muitas vezes se misturavam nos primórdios de Três Corações. "Os fazendeiros eram quem dominava a cidade. O bancário ganhava pouco, o militar ganhava pouco. Sobravam comerciantes e fazendeiros", lembra o ex-contador, músico e memorialista Victor Cunha. Recorrendo a anotações que recolheu nos últimos 20 anos (algumas delas transformadas em livros), seu Victor recorda do tempo em que as decisões sobre os rumos da cidade ficavam por conta de grandes agricultores e pecuaristas, como Cornélio Andrade Pereira, Francisco Antônio Pereira e Nelson Rezende da Fonseca.

Esses nomes remontam a tempos em que as disputas políticas eram duras, disputadas numa espécie de vale-tudo. "Não era uma política de morte, nem de briga, mas tinha uma disputa aferrada. Eu estava noivo e trabalhei na eleição do seu Américo Dias. Nós íamos buscar os eleitores nas fazendas. Era eleitor de curral, ou de cabresto, como falava na minha época", recorda seu Victor, ressaltando a rivalidade entre UDN e PSD, comum naquele tempo. "Você tinha que levar o eleitor lá na seção de votação, porque se você deixasse pra trás o outro chegava e trocava o voto dele", completa.

As ruas da cidade foram, durante muitos anos, definidas por números, graças à lei municipal 207, publicada em 1919, na véspera do aniversário da cidade. A situação só foi mudando a partir da década de 1940, quando sucessivas leis foram rebatizando o mapa tricordiano. E as colônias de imigrantes, que tiveram grande presença na formação da elite tricordiana, não ficaram de fora do novo mapa da cidade. O destaque, evidentemente, fica por conta dos sírios e libaneses. "A gente falava 'os turcos', mas eles não gostavam não", lembra Maria Leopoldo Rezende, filha do ex-vice-prefeito Nelson Rezende da Fonseca. Mas as referências a imigrantes não se limitam apenas aos 'turcos', como no caso da rua Julião Arbex ou da galeria Elias Kalil Auad. Há outras colônias representadas, como a do italiano Aurélio della Lúcia e a do polonês Coss Boczar, estampada em uma das esquinas



do bairro Peró.

Há ainda logradouros que homenageam personagens lembrados pela presença marcante que tiveram, mesmo fora da política. A rua Aída Rosa, por exemplo, fica onde a professora de mesmo nome tinha seu colégio primário, o Externato Santa Cândida. "O colégio era dela, ficava num sobrado antigo. Embaixo funcionava uma alfaiataria e, em cima, o colégio. Era um coleginho simples. Nosso uniforme era um avental por cima de um vestido, amarradinho de lado, era uma belezinha", contou a ex-professora Terezinha Fonseca, em entrevista para o projeto Memória da Educação Tricordiana. Outros exemplos deste caso são a parteira Amália Bittencourt e o comerciante Pedro Bonésio. "Ele tinha uma loja famosa, a Casa Bonésio. Eu comprei muito lá, meus presentes de casamento foram comprados todos lá, porque era loja de artigos de presentes. Para a época era uma loja muito fina", comenta Maria Leopoldo.

## NA MEMÓRIA

Lembranças de quem conviveu com personagens que dão nome às ruas



O seu Pedro Bonésio era um comerciante. A loja dele era ali onde é o Bradesco, ali era um sobrado antigo. Eu comprei muito lá. Naquela época a gente ainda achava muita coisa de porcelana mesmo, de prata. Eu ainda tive tempo de ganhar alguns presentes assim, dos amigos da família. Era uma loja e tanto. E também os fazendeiros compravam

tudo lá, coisa pra gado, pra cavalo, material de construção, parafuso, prego, tudo você achava lá. A loja ainda mantém alguma coisa, mas agora é menor. (Depoimento de Maria Leopoldo Rezende)



Eu fiz o terceiro e o quarto ano do primário na escolinha da Dona Aída Rosa, que ficava na esquina da Avenida Militar. A dona Aída foi uma grande professora. Muita gente estudou com ela. O pai dela, Manuel Franco da Rosa, foi o primeiro diretor do Bueno Brandão. Ele dava aula também no Externato. O marido dela, Luciano Andrade, tinha uma farmácia. Todo mundo comprava com o marido da dona Aída. Era muito interessante: quando ela botava a gente de castigo, ele ia lá e soltava todo mundo. (Depoimento de Terezinha Fonseca)



Eu era garoto e conheci seu Chico Pedra pelo nome, porque ele era famoso, era fazendeiro, tinha uma política muito boa. Sentado ali no alpendre da casa dele, ele comandava a política toda da cidade. Ele era pai da esposa do seu Cornelinho e morava ali onde é o curso de inglês perto da Igreja.

**10 ORA!**

Ele ajudou na construção do Hospital São Sebastião, da Igreja Matriz, foi vice-prefeito do seu Odilon Rezende de Andrade. Era uma pessoa inteligente, fazendeiro, plantava muito café, tinha gado, deixou os filhos muito bem. (Depoimento de Victor Cunha)



O Aurélio era italiano, veio para Três Corações não sei como. Ele tinha uma casa bancária na praça. Ele era muito rigoroso. Eu cheguei a trabalhar com ele um ano, em 1946, como servente da casa bancária. Eu abria a porta da casa bancária, fechava na hora que terminava o expediente, entregava avisos, fazia limpezas, dava geral na casa. Ele tinha um certo capital. Empréstava pra você um tanto, pra outro um tanto, quando você pagava empréstava pra outro, a juros comerciais. O homem era danado. (Victor Cunha)



Seu Nelson era demais, foi notável. Era muito religioso, amigo do meu pai. Tanto que nós não éramos políticos, mas por causa do seu Nelson, amizade muito grande com minha família, com meu pai, nós até passamos a votar com ele. Seu Nelson não foi prefeito, ele foi vice, mas tinha um prestígio político muito grande, foi presidente do Clube muitos anos. Ele era um fazendeirão aqui da cidade e era chamado de Nelson Cota. (Victor Cunha) 🌀

## PERFIL ISAAC BOCZAR

# "Cada detalhe tá gravado na memória"



*Isaac Boczar se define como "arqueológico". Nascido na atual Ucrânia em outubro de 1926, veio parar por acaso no Brasil, como conta nas linhas a seguir. De família judia, o pai, Coss Boczar acabou radicando-se no Sul de Minas Gerais, onde montou uma rede de lojas. Isaac é hoje uma das memórias vivas da cidade. Pena que a revista tem espaço limitado. A íntegra da entrevista pode ser conferida no site do Museu da Oralidade.*

Como a família do senhor veio parar no Brasil?

Meu pai se chamava Coss Boczar, tem até uma rua aqui com o nome dele. Quando meu pai morava na Polônia, ele era comerciante de gado. Ele era judeu, nosso povo foi muito perseguido na Polônia. Ele veio para o Brasil porque se sentiu inseguro. Ele escondeu a família toda com a minha avó, numa fazenda no interior e foi a pé pegar um navio para os Estados Unidos. A irmã dele tinha vindo antes para EUA, o sonho dele era ir para Nova Iorque e se encontrar com esta irmã. Ele atravessou a Polônia e a Rússia e foi parar em Hamburgo. Lá ele viu um navio e estava crente que o navio ia para Nova Iorque. Ele se escondeu num bote e em alto mar o oficial do navio o encontrou clandestino. O comandante então colocou ele para trabalhar.

**12 ORA!**

Eu lembro da viagem pro Brasil, cada detalhe tá gravado aqui na memória, minha memória tá mais viva do que nunca. Me lembro que uma vez eu simplesmente desapareci do navio, pararam o navio, gritaram homem ao mar, estavam crente que eu tinha caído n'água. Foram me descobrir na casa das máquinas, no porão, em frente a fornalha, com a camiseta e a cara lambuzada de carvão e chupando laranja. A viagem durou mais de quatro meses, viemos desembarcar em Santos.

Quando chegou no Brasil, era plena época da febre amarela. Ele foi internado na Ilha das Flores. Ficou lá seis meses. Quando saiu, arranjam um emprego pra ele como condutor de bonde elétrico. Eu sei que um conterrâneo, que tinha um apelido gozado, Pipoca, procurou e disse: 'seu Coss, eu tô indo pra uma cidade do interior, Três Corações, a cidade é virgem, e lá tem a maior feira de gado do Brasil, quer ir comigo?'

Meu pai pediu demissão do emprego, retirou o dinheiro do banco, pagou passagem para este conterrâneo e os dois vieram parar em Três Corações. Aqui mas não deixaram ele entrar para a Feira de Gado. Então ele começou a vida como mascate, de fazenda em fazenda. Foi ele quem inventou a prestação aqui, pois antigamente só se vendia à vista. Depois ele descobriu que o cavalo estava comendo todo o lucro, então ele largou mão e abriu uma portinha e desta portinha, ele abriu outra e foi abrindo loja, abriu loja aqui, abriu em Alfenas, abriu em Varginha, em São João Del Rey, ele abriu uma rede de lojas grandes e ficou nisso até que minha mãe adoeceu. A loja dele chamava *O Mobiliário Elegante de Coss Boczar*.

Como foi sua infância em Três Corações?

Me trouxeram pra o Brasil em 1931, com quatro anos e meio. Não fala uma palavra de português e quando desembarquei na estação de Três Corações, em pleno inverno, a cidade estava coberta de nevoeiro. Três Corações era a estação, o quartel e só. Um dia eu tinha recolhido um caminhão de lenha pro meu pai, ganhei 600 réis e fui ao cinema ver *O Homem Invisível*, era o sucesso do momento. Mas não resיתי à tentação e passei na bicicletaria do Biju. Ele me perguntou: 'o Isaac não quer uma bicicletinha?' E eu acabei gastando o dinheiro do cinema para andar de bicicleta. Quando fui

passar entre o poste e o meio fio, o guidom da bicicleta agarrou, eu tomei um tombo e entortei toda a bicicleta. O dono da bicicletaria ficou uma arara comigo, ele queria que eu pagasse o conserto, mas foi um acidente eu não paguei nada. O pior é que eu fique sem ver o filme porque ele nunca mais entrou em cartaz.

Como foi aprender português?

Foi muito difícil me adaptar a língua, mas eu tive uma sorte. Minha primeira professora se chamava Dona Elisa Lemos de Campos e ela viu minha dificuldade. Então ela ia na tipografia, pegava restos de cartolina e tudo quanto é palavra que eu não conhecia, eu recortava dos jornais e colava na cartolina. Eu aprendi português no tapa.

Teve algum fato aqui em Três Corações que marcou o senhor?

Em abril de 1945 aconteceu uma explosão aqui, foi uma coisa feia! Explodiu um vagão de munições na estação. A EsSA ficou sem luz, a ponte ficou interrompida. Foi num domingo às quatro horas da tarde. Eu estava vindo do cinema, tinha ido na matinê, e estava deitado no meu quarto, fazendo palavras cruzadas. Na primeira explosão, houve um deslocamento de ar tão grande que o lustre caiu em cima da minha cabeça. Tenho até o sinal. Logo em seguida, outra explosão. O fogo se alastrou, quando viram que o vagão ia explodir o povo saiu gritando: 'Corre, vai explodir!' Teve um maquinista, coitado, era meu freguês na loja, quando ele viu que ia acontecer, ele se atirou no chão, mas foi tão azarado que um pedaço de ferro atravessou o coração dele, e morreu na hora. Eu fui na farmácia do Luciano, perto do Parque Infantil, tinha um pedaço de roda do vagão caído na calçada. Foi uma tragédia.

Quando o senhor começou a trabalhar?

Eu sempre trabalhei com meu pai. Com 14 anos já era professor de inglês no antigo colégio Américo Dias Pereira. Eu fui professor de inglês um ano e naquela época veio para Três Corações um cidadão baiano, cabeça branca, chamado Oscar Palma Lima, que veio a ser meu sogro. Um dia ele entrou na loja e se apresentou: 'sou o novo gerente do Banco do Brasil, o senhor é



---

**“ Desembarquei na estação de Três Corações, em pleno inverno, a cidade estava coberta de nevoeiro. Três Corações era a estação, o quartel e só. ”**

---

cliente do banco? Eu quero ter o prazer de ver o senhor na minha agência.' Quando foi nas férias de junho, meu irmão caçula Rafael, era estudante de engenharia em Itajubá, veio aqui passar as férias e conheceu a minha patroa e começaram uma tentativa de namoro, mas ele só sabia falar de matemática e engenharia, ela cansou dele. Na hora que acabou as férias, antes de o meu irmão ir embora, ele chegou perto de mim e ali na loja e disse: 'Isaac, vou te pedir um favor, eu to indo para Itajubá, você toma conta da minha namorada?' Tô tomando conta dela até hoje, faz 55 anos (*risos*)...

As histórias do senhor dão um livro. Já pensou em escrever um?

O mais gozado é que eu escrevi mais de 600 crônicas de jornal, contei todas estas histórias, tudo baseado neste incidentes da vida real. Elas estavam guardadas no meu escritório, mas ele inundou na enchente de 2000, quando a gente estava viajando, e eu perdi quase tudo. Eu prometi para muita gente que na próxima encarnação, quando eu voltasse, eu iria escrever a verdadeira história de Três Corações. Hoje, me falta saúde, porque memória, tem! Vale a pena, aqui em Três Corações acontecia cada coisa... 🌀

## GUIA CULTURAL

### SERVIÇOS E OPÇÕES CULTURAIS NA CIDADE

#### ESPAÇOS CULTURAIS

**Biblioteca pública de Três Corações** -  
Praça Odilon Resende de Andrade -  
(35) 3691-1085

**Casa da Cultura Godofredo Rangel** -  
Praça Coronel José Martins, 45, Três  
Corações - (35) 3691-1086

**Cineclube Benedita** - exibição gratuita  
de filmes quintas-feiras, às 19h. Av.  
Virgílio de Melo Franco, 481. Centro,  
Cambuquira. (35) 3251-3534

**Museu da Oralidade** - cursos e oficinas  
nas áreas de memória e produção  
cultural - Rua Padre José Bueno, 170.  
Centro, Três Corações.  
[www.museudaoralidade.org.br](http://www.museudaoralidade.org.br)

**Museu Municipal de Varginha** - Praça  
Matheus Tavares, 178. Centro, próximo  
à estação ferroviária. (35) 3690-2716

#### ARTESÃOS

**Sansão Bogarim** -  
máscaras decorativas  
(foto) e outros produtos  
criados com a técnica de  
papel de pedra São  
Thomé - (35) 8828-4822

**Carlos Campos** - relógios  
de parede produzidos  
com pedra São Thomé -  
(35) 3232-9647

**Oswaldo Artesão** -  
cavalos, bois e outras peças em  
madeira com motivos rurais - (35) 3232-  
1508 / (35) 8826-6508

**Tchela Albuquerque** - atelier de artes  
plásticas - (35) 8805-6766



#### TURISMO

**Tabatinga Ecoturismo** - turismo  
ecológico, passeios e receptivo em  
Luminárias.

[www.tabatingaecoturismo.com.br](http://www.tabatingaecoturismo.com.br)

Contato: Big Zara - (35) 9832-3191

Participe desta coluna. Envie seu contato para  
[ora@viraminas.org.br](mailto:ora@viraminas.org.br) com o assunto "Guia Cultural".



## NOSSA MEMÓRIA

# O museu que mistura tradição e tecnologia



Geraldo Neco, de Luminárias, um dos primeiros entrevistados do Museu

**U**ma equipe de pesquisa que registra a história dos lugares a partir da memória das pessoas que nele moram. Um laboratório onde as novas tecnologias digitais são testadas, experimentadas e apropriadas. Uma rede social colaborativa, onde as pessoas se conectam por interesse e criam todo o conteúdo. Um espaço de estudo e reflexão sobre o patrimônio cultural e a memória social. Pode parecer que estamos falando de coisas distintas, mas não é o caso. É o Museu da Oralidade, Ponto de Cultura de Três Corações, que carrega um pouco de cada uma dessas descrições.

O Museu surgiu em fevereiro de 2007 com o projeto Memórias Iluminadas. Na época, decidimos registrar, em parceria com a Prefeitura de Luminárias, a memória dos idosos da cidade. Um projeto tímido, que visava apenas lançar um livro com os relatos dos moradores mais antigos. Mas, já nas primeiras gravações, a pesquisa começou a revelar uma série de causos, costumes, modos de fazer e saberes guardados apenas na memória de pessoas como o quase centenário Geraldo Neco. Durante dois



A professora Terezinha Fonseca, uma das entrevistadas pelo Memória da Educação

meses, ouvimos histórias floreadas de outros 26 'geraldos', que contaram como se fazia café de garapa, rapadura, porteira, sapato de couro de boi, broa de milho, polvilho e fubá; ou lembraram histórias de quaresma, com direito a mula-sem-cabeça, lobisomem e boi d'água.

Foram muitas informações importantes colhidas, que formaram um enorme inventário informal do patrimônio cultural não apenas de Luminárias, mas de toda Minas Gerais. O trabalho se estendeu quando percebemos que a pesquisa de memória oral vai além do simples registro de histórias de vida, melhorando a auto-estima da comunidade registrada e possibilitando a jovens e adultos refletirem sobre o presente por meio da valorização do passado. Tudo isso com a grande vantagem que o registro da memória oral proporciona em relação a outras metodologias de pesquisa: a linguagem coloquial, acessível a todo mundo, e a universalidade, que toda história carrega. Veio o primeiro apoio do Governo de Minas, que reconheceu a qualidade e a profundidade do trabalho, financiando a complementação da pesquisa e o lançamento do livro por meio do Fundo Estadual de Cultura.

A partir desta iniciativa, foi criada a Viraminas, entidade gestora do projeto. Em parceria com outras instituições, vieram mais pesquisas, como o Memória da Educação Tricordiana (11 ex-professores tiveram suas histórias de vida gravadas) e o Mutirão de Histórias de Vida (que registrou a memória de moradores da antiga colônia


**18 ORA!**

de hanseníase Santa Fé). Logo identificamos as várias conexões que se formam entre as diversas narrativas registradas e concluimos que elas não podiam ser tratadas isoladamente. Da mesma forma como a história de uma pessoa integra a memória da comunidade, as gravações de um grupo se relacionam com as de outro, que formam a grande colcha de retalhos do nosso patrimônio cultural.

Foi dessas constatações que nasceu a ideia de juntar tudo num grande baú de histórias. Veio, então, a proposta inicial do Museu da Oralidade: registrar, guardar e difundir nossa tradição oral. A proposta foi enviada ao edital do programa Cultura Viva e, aprovado, virou Ponto de Cultura, integrando-se à rede mais de 2 mil projetos espalhados pelo Brasil.

## COMO FUNCIONA



O Museu da Oralidade é mais do que um simples acervo de histórias de vida. Nossa coleção de memórias está sempre crescendo e a comunidade também pode participar. Tudo o que é registrado vai parar no site do projeto, uma espécie de rede social de memória oral. O Museu irá oferecer um curso anual (o de 2011 está marcado para começar em agosto), quando a metodologia de pesquisa será apresentada e discutida. Os participantes do curso irão debater sobre patrimônio cultural e sairão a campo para registrar memórias de comunidades locais. Haverá também oficinas de software livre e de produção cultural. Na sede do projeto, o público conta com um kit multimídia para prestar apoio a iniciativas culturais. Gravador, câmera fotográfica, computadores, impressoras e equipamentos de som podem ser usados para registro de histórias e para eventos como exibição de filmes e exposições. 

## UM LUGAR FLORA



O ex-tocador da balsa José Cunha: "esse negócio de tirar areia estragou bem o rio"

# Testemunhas das mudanças do rio Verde

Quem visita hoje a comunidade da Flora, situada às margens do rio Verde, entre Três Corações e Varginha, pode ficar com a impressão de que o lugar está parado no tempo: ruas de terra batida, crianças batendo bola, cercas de bambu protegendo as hortas, cachorros, cavalos e bois circulando por entre a gente. Ligado à rodovia por uma balsa que atravessa o rio várias vezes ao dia, o povoado preserva um ar interiorano que sempre agrada aos visitantes. Apesar da rotina pacata, os moradores mais antigos relatam que a modernidade também deixa suas marcas no local.

Ex-tocador da balsa que corta o rio Verde, o aposentado José Batista da Cunha comenta que o rio Verde tem sofrido com a constante exploração. "O rio mudou muito, esse negócio de tirar areia estragou bem o rio. As dragas tiravam a areia da beira do rio, iam cavucando por baixo, era quando as árvores da beira caía. Derrubou muito mato na beirada", lembra seu Cunha. Outro sinal dos tempos no local é a mudança no perfil do emprego. Enquanto atualmente os jovens trabalham em um laticínio instalado no lugar

**20 ORA!**



Seu Lázaro: "Antigamente tinha mais peixe, já pesquei muito nesse rio"

ou na cidade, nos tempos antigos o serviço dos mais jovens era restrito às tarefas da roça. "Comecei a trabalhar na roça quando eu tinha oito anos. Oito anos eu já punha a enxadinha no ombro e ia ajudar meu pai a plantar feijão, milho. Batia arroz, carregava água como daqui lá na estação, não tinha água dentro de casa", conta.

Parte do resultado do trabalho de seu Cunha é ainda visto na comunidade. "Tem muito barco meu aí na beira do rio. Aprendi a fazer sozinho e Deus. Ninguém nunca me ensinou! O primeiro barco que eu fiz, eu tinha uns 50 anos. Já fiz umas quarenta canoas", comenta.

Algumas das mudanças trazidas pela modernidade são notadas também pelo morador Lázaro Augusto Pereira. "Antigamente tinha mais peixe, já pesquei muito nesse rio. Pegava dourado, piaba, piau, curimba, tudo quanto era peixe. Hoje acabou tudo, a poluição acabou com o rio Verde. Esse rio aqui passa por sete cidades, os esgotos caem tudo no rio, inclusive daqui da Flora", lamenta.

Seu Lázaro lembra, ainda, do tempo em que a estação ferroviária local era ativa. "Na época que passava o trenzinho aqui, era muito bom, hoje não tem nem a estação. O trem parava aqui, tinha trem de passageiro e de cargueiro. Ia pra Varginha, ia lá pra Juréia. Era a única coisa que a gente tinha aqui, naquela época. Passava uns cinco, seis por dia", recorda o morador. 📺

As entrevistas foram gravadas em 2009 para o Museu da Oralidade. Confira a íntegra no site.

# Na fila do SUS

*Mais o sô, cumo dizia meu avô, nós que nasce pobre, véve memo é de temoso. Carcula a difirculidade que nós passava, recurso era quase nada. Óia, remédio num tinha nem pra remédio, nós tinha é que se virá.*



*E era anssim: pra inibição intestiná ou gais preso era chá de funcho; pra dô de estâmo, era chá de losna; pé torcido, jeito nos quarto e picada de bicho era quorosene; lumbriga era criulina com leite, e pra firida era teia de aranha.*

*Inté que um dia, indicaro pra nós o tar do SUSI, que tinha dotô médico de graça. Aí, numa casião que a tia Tamira tava numa cramura, uma gimura muito subsurfática dimais, eu arresorvi levá ela numa consurta lá no SUSI. Eita que é memo uma Merdicina.*

*O aranzé já principiô quando eu entrei na fila errada. É que a muié que atende a gente tava com uma cara tão feia, que eu achei que ela tamém tava doente e entrei atrás dela, ali eu já levei o premero coice! Eita muézinha margosa.*

*Minino, dispois de enfrentá quatro fila, coice pra nós já era agrado, e quando a tia Tamira entrô na salinha do dotô... Oceis já viu gangorra?*

*A tia tamira sentô, o dottor levantô. O homi nem oiô pra tia Tamira, só esticô prela um papé muito má escrito dimais e mandô fazê aquele exame. Saímo dali emburricado. Chegemo no raio-x, a tia Tamira falô que o dotô pediu a tar da mamografia, o moço já falô de arranco: — Aqui nós num faiz isso não.*

*Aí a tia Tamira, já desacursuada, subiu nas tamanca, xingô tudo mundo e egigiu a tar da mamografia causo que tava escrito no pedido do dotô.*

*Então, o moço arresorveu oiá o pedido do médico.*

*Minino, eu que tava até orguioso com a brabeza da tia, me caiu a cara na hora que homi pegô o tar pedido de mamografia e tava iscrito anssim: **Raio-X dos seios da face.***

*Aí eles prontô uma zombaria da tia Tamira, chamô ela de caipira, de ingnorante, mais ela num perdeu o prumo e retrucô:*

*— Disso eu num sabia memo, mais tamém num é de dimirá que a cara venha a tê peito num lugá que tudo mundo tem cara de bunda.*

*É daí pra pió.*



Luisa Furtado, de Luminárias, entrevistada pelo Museu da Oralidade.

sabe aquela  
história que seus  
avós contavam?

**ela agora  
pode ser  
peça de  
museu**

Conheça o  
**Museu da Oralidade.**  
Em cada lugar,  
uma história pra contar.



[www.  
museudaoralidade  
.org.br](http://www.museudaoralidade.org.br)

Mostre ao  
mundo o  
seu ponto  
de vista.

crie  
um  
blog

No site da Viraminas, qualquer um pode manifestar suas ideias. Basta se registrar, criar seu blog e botar a boca no mundo. Acesse e venha fazer parte.

[www.viraminas.org.br](http://www.viraminas.org.br)



Cultura



Ministério da  
Cultura

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA